

Vera Guapindaia

**Práticas Funerárias
pré-históricas na Amazônia:
as urnas de Maracá**

Estudo das urnas funerárias encontradas em sítios arqueológicos da região de Maracá, no baixo Amazonas, evidencia a importância dos ritos funerários para os povos indígenas da região. Os tipos de urnas, sua localização, o material cerâmico utilizado, os adornos e o colorido desvelam o comportamento humano diante da morte, as complexas relações entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

As imponentes urnas funerárias Maracá são conhecidas desde fins do século XIX, porém ainda pouco se sabe sobre a sociedade que as produziram, tanto que até recentemente havia dúvidas sobre sua antiguidade. Tornaram-se referência obrigatória quando o assunto é a pré-história da região amazônica. Apesar disso, só há pouco menos de uma década é que começam a ter lugar definido no contexto cronológico cultural da região amazônica.

Acreditava-se até pouco tempo que as práticas funerárias nas terras baixas da América do Sul eram simples, especialmente se comparadas com as das regiões andinas. Essas práticas eram marcadas pela ausência de culto, de cemitério e/ou de um lugar visível associado aos mortos. Porém, estudos mais recentes têm revelado a extrema complexidade que os conceitos vinculados à morte alcançaram na Amazônia (Chaumeil, 1997). Os sítios-cemitérios de Maracá, ao lado de outros como os de Marajó, de Aristé e de Mazagão podem ser citados como exemplos dessa complexidade. Essas sociedades e suas manifestações eram um dos elementos que compunham o grande mosaico de diversidade cultural que proliferava na região do baixo Amazonas pouco antes do estabelecimento dos povos europeus a partir do século XV.

Arqueologia da região de Maracá: breve histórico

Os sítios arqueológicos da região do rio Maracá no Sul do Estado do Amapá são conhecidos desde 1872, quando foram localizados e explorados pelo naturalista Domingos Soares Ferreira Penna (1877)¹. No ano seguinte (1872) o geólogo Charles Hartt publicou uma nota na revista *The American Naturalist* sobre uma urna antropomorfa, que foi mostrada a ele por Ferreira Penna.

Um levantamento mais geral da região de Maracá foi realizado em 1896 pelo coronel do exército Aureliano Lima Guedes, que desempenhava a função de auxiliar do zoólogo suíço Emílio Goeldi, então diretor do Museu Paraense. Seu levantamento compreendeu as áreas dos rios Maracá e Anauerapucu e seus pequenos afluentes. No igarapé do Lago, afluente do rio Maracá, Lima Guedes localizou três

¹ A maioria das urnas coletada por Penna está no Museu Nacional do Rio de Janeiro, para onde foram enviadas por solicitação de Ladislau de Souza Netto, a fim de compor a exposição Antropológica Brasileira de 1882, e acabaram sendo incorporadas ao acervo daquele museu.

sítios arqueológicos que, pela presença de urnas, denominou-os de “necrotérios de indígenas”. Encontrou também miçangas de vidro brancas e azuis coladas com resina nas costas e também em volta do braço, formando uma pulseira, de uma das urnas. Concluiu que essa associação de matérias-primas de origens diferentes sugeria a existência de algum tipo de contato com os primeiros exploradores europeus (Guedes, 1897).

Quase vinte anos depois, no início do ano de 1915, o etnólogo alemão Curt Nimuendaju realizou uma viagem do rio Jari, no extremo sul do Estado do Amapá, ao rio Maracá. Neste percurso registrou cinco sítios arqueológicos localizados na terra firme, em área de “terra preta” contendo restos de instrumentos de pedra e de vasilhas de cerâmica. Considerou a possibilidade dos locais não terem sido abandonados há muito tempo, uma vez que a mata ainda estava em processo de recomposição. Fez uma pequena coleção de superfície dos fragmentos cerâmicos (Nimuendaju, 1927 apud Meggers&Evans, 1957). Considerando as atividades de Nimuendaju como coletor de peças para grandes museus durante o início do século e as suas relações com Erland Nordenskiöld, é provável que ele tenha coletado mais que uma pequena quantidade de fragmentos de superfície na região de Maracá. Uma urna pertencente ao Museu Etnográfico de Oslo apresentada por Nordenskiöld (1930), foi, certamente, fruto das atividades de Nimuendaju em suas explorações pelo Amapá no ano de 1915.

No ano seguinte, 1916, William Farabee, antropólogo da Universidade da Filadélfia, realizou pesquisas em uma área localizada a 13Km ao Norte do rio Amazonas próximo de sua foz, local que coincide com a localização do rio Maracá; e ainda na Ilha dos Porcos e na Ilha do Pará, ambas localizadas entre o litoral do Estado do Amapá e o arquipélago do Marajó. Na área ao Norte do rio Amazonas, em cavernas, encontrou urnas antropomorfas e zoomorfas semelhantes àquelas registradas por Ferreira Penna e Lima Guedes. As urnas antropomorfas lhe pareceram muito pequenas para conterem ossos, por isso supôs que tenham sido usadas como recipiente de cinzas. Acreditava que os enterramentos não eram muito antigos, em virtude da presença de contas de vidro. Na Ilha dos Porcos não encontrou enterramentos, só vestígios de sítios-habitadoes. Já na Ilha do Pará encontrou grande quantidade de urnas zoomorfas. Estavam na superfície, em local aberto, dispostas lado a lado em conjuntos formados de duas a doze urnas² (Farabee, 1921).

Até àquele momento, as informações existentes sobre a arqueologia da região amazônica provinham das coleções formadas na segunda metade do século XIX por naturalistas, e na primeira metade do século XX, por antropólogos. O acúmulo dessas coleções e a discussão sobre suas origens geraram as primeiras tentativas de síntese sobre a arqueologia da Amazônia (Neves, 1999-2000), em que a referência às urnas de Maracá era constante (Hartt, 1885; Netto, 1885; Nordenskiöld, 1930; Costa, 1934).

Em 1948, os arqueólogos Betty Meggers e Clifford Evans, do Smithsonian Institute, elaboraram um projeto de investigação para a foz do rio Amazonas abrangendo as ilhas de Marajó, de Mexiana, de Caviana e parte do então Território Federal do Amapá (Meggers&Evans, 1957). Não estiveram na região do Igarapé do Lago, da área analisaram o material coletado por Guedes, pertencente ao Museu Goeldi, e o de Farabee, pertencente ao Museu da Universidade da Filadélfia. As conclusões de Meggers&Evans sobre a ocupação

² Uma das urnas antropomorfas que ilustra a publicação de Farabee (Farabee, 1921: figura 44), embora mantenha as características gerais das urnas Maracá, possui algumas diferenças, com o p.ex. a forma de apresentação dos braços, mãos, pernas e pés, que são mais realistas.

pré-histórica do Amapá é que as culturas ceramistas definidas por eles, Mazagão, Aristé e Aruã são tardias e chegaram na área pouco antes dos europeus. No que concerne a Maracá, propuseram (embora considerando suas hipóteses não conclusivas pois não examinaram o material cerâmico dos sítios abertos) que ela tenha sido uma ocupação limitada geograficamente à região do Igarapé do Lago, se estendendo levemente até a Ilha do Pará. Essa ocupação teria sido contemporânea à última fase de Mazagão na qual exerceu uma leve influência, evidente no estilo das urnas. (Ibid,1957).

Por volta de 1953, o etnógrafo Peter Hilbert esteve na região do rio Maracá, onde encontrou um sítio com pintura rupestre, porém os resultados de suas pesquisas não foram publicados (Barreto, 1992).

Mário Simões, arqueólogo do Museu Goeldi, em 1972 classificou a coleção de urnas coletadas por Ferreira Penna e Lima Guedes como fase Maracá. Considerou-a uma fase flutuante, uma vez que suas características não se enquadravam em nenhuma das tradições ceramistas estabelecidas para a Amazônia (Simões,1972).

Mais recentemente, a região foi investigada por um projeto de pesquisa coordenado pelo arqueólogo Klaus Hilbert, cujo objetivo era encontrar sítios pré-cerâmicos na região. Em local conhecido como Buracão do Laranjal, um abrigo-sob-rocha, próximo a um dos formadores do Igarapé do Lago, foi realizado um corte estratigráfico, onde se encontraram artefatos líticos e vestígios de fogueira. A datação radiocarbônica obtida foi de 3750±110 A.P. (Beta 30746). Nas paredes do abrigo foram encontradas pinturas rupestres na cor vermelha. Além deste sítio pré-cerâmico, foram localizados e registrados oito sítios com vestígios cerâmicos ao longo do rio Maracá e Igarapé do Lago, e realizadas coletas de superfície (Hilbert&Barreto,1988 e Barreto,1992).

A partir de 1994, começou a ser desenvolvido na área um projeto de pesquisa coordenado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, com o objetivo de investigar a pré-história da região do Igarapé do Lago, considerando que as informações arqueológicas existentes eram provenientes de coleções selecionadas e descontextualizadas, e que, embora seu potencial tenha sido reconhecido desde o século passado, até aquele momento não se tinha realizado pesquisa sistemática na região.

A área pesquisada

O principal rio da região é o Maracá, um pequeno afluente da margem esquerda do Amazonas localizado próximo de sua foz. Por sua vez, o Igarapé do Lago é um dos maiores afluentes da margem esquerda do Maracá, localizado em sua porção média. Na época chuvosa, de dezembro a maio, o rio transborda alagando os campos da região, formando um lago, daí a origem do seu nome. A inundação deixa quase submerso um imenso campo de arrozal “bravo” (*Oriza sp.*) e várias outras espécies de plantas típicas de áreas alagadiças. Com a redução das chuvas seu leito diminui, sem, no entanto, secar. O Igarapé do Lago fica em terreno mais alto que o rio Maracá e suas águas são limpas, embora apresentem uma coloração escura devido à presença de matéria orgânica. Durante a época de fortes chuvas o aumento do nível da água permite percorrê-lo de barco. As extensas planícies inundáveis periodicamente e aquelas permanentemente alagadas foram formadas por aluviões holocênicos, fluviais e lacustres com furos, paranás, igarapés e lagos. As áreas livres de inundações, compostas de ravinas e vales encaixados, situam-se ao norte e ao sul do Igarapé do Lago. A oeste é comum a presença de superfícies pediplanas, onde têm lugar afloramentos rochosos sedimentares. A formação geológica proporcionou o surgimento de lapas, grutas e abrigos-sob-rocha (Radam, 1974).

A vegetação em torno ao Igarapé do Lago é muito rica e variada. Na região alagada, predomina a presença do “arroz bravo” (*Oriza sp.*), buriti (*Mauritia flexuosa*) e pequenas vegetações aquáticas. Nos terrenos mais altos, de terra firme, existe a abundância de grandes árvores como a Castanheira (*Bertholletia excelsa*), cuja extração é a base da economia local. Ocorre também a presença de Itauba (*Mezclaurus itauba*), Acapu (*Vouacapoua americana*), Sapucaia (*Lecythes psionis*), Louro (*Laurus mobilis*) e Pau-mulato (*Callycophyllum spruceanum*). A população atual, além da mandioca (*Manihot utilissima*), cultiva bananas (*Musa paradisiaca*), laranjas (*Citrus sinensis*) e limões (*Citrus limon*). No platô laterítico, a vegetação se modifica, dando lugar a uma vegetação de canga, composta de árvores de tronco fino com espinhos.

A fauna terrestre e aquática é abundante e variada, constituindo-se numa importante fonte de recurso alimentar para a população local. Entre os mamíferos é comum a presença de onças (*Panthera onca*), veados (*Mazama americana*), caititus (*Tayassu tajacu*), pacas (*Cuniculus paca*), coatis (*Nasua nasua*), cutias (*Dasyprocta III*), antas (*Tapirus terrestris*) e macacos (*Cebus erceben*, *Saimiri sciurens*, *Midas ursulus*). Uma grande variedade de répteis também é encontrada na região. A presença de pássaros é numerosa, sendo comum avistar garças (*Leucophyx thula*), gaviões (*Ruporis magnirostris*), tucanos (*Ramphatos itellinus*), araras vermelhas (*Ara macao*), bandos de periquitos (*Tiririca chiriri*), e outros.

A área geográfica já investigada pelo projeto inclui a Serra do Laranjal e a região da nascente do Igarapé do Lago (ver mapa). A Serra do Laranjal é um afloramento rochoso de arenito ferruginoso que possui entre 87 e 110 metros de altura e 21 Km² de área aproximadamente. Essa formação rochosa proporcionou o surgimento de cavidades de vários tamanhos, que formaram grutas e pequenos abrigos. Nessa área foram localizados e cadastrados treze sítios-cemitérios³ e três sítios-habitações⁴. A presença de dezesseis sítios nas proximidades do Igarapé do Lago, em uma área de aproximadamente 32Km², confirma a alta relevância da área para o desenvolvimento de pesquisas arqueológicas.

Os sítios-habitações encontrados ficam próximo às margens do Igarapé do Lago, em área de terra firme, porém, localizados topograficamente abaixo das grutas. Dois deles estão entre 800m e 1km distantes das grutas e outro a aproximadamente 3km. A prospecção dos sítios-habitações não vem se desenvolvendo de maneira tão intensa quanto à dos sítios-cemitérios. Por isso a proporção de treze sítios-cemitérios para três sítios-habitações não deve ser considerada como um dado estatístico. A prospecção mais intensa nas margens do Igarapé do Lago e do rio Maracá, planejada para etapas futuras do projeto, certamente aumentará o número de sítios-habitações na área.

Os sítios arqueológicos: descrição e caracterização

Os sítios-habitações⁵ até agora registrados na região de Maracá podem ser caracterizados como áreas abertas, apresentando solo de terra-preta, localizados entre 20 a 500 metros das margens do Igarapé do Lago, fora das áreas inundáveis.

³ Os sítios-cemitérios encontrados são: Lapa do Pocinho, Gruta do Pocinho, Gruta do Periquito, Gruta das Caretas, Abrigo das Caretas, Lapa das Caretas, Gruta do Cururu, Gruta das Formigas, Gruta da Caba, Gruta do Baiuna, Gruta do Jaboti, Gruta do Carrapato e Gruta do Veado.

⁴ Os sítios-habitações são Bananal do Pocinho, Roça do Antônio e Terra Preta da Conceição.

⁵ Além dos três sítios registrados pelo atual projeto Maracá, existem outros seis apresentando características semelhantes, registrados por Hilbert&Barreto (1988) ao longo do Igarapé do Lago, abaixo da área onde ora se concentra a pesquisa.

Distribuem-se ao longo do Igarapé do Lago, ocupando ambas as margens e mantendo distância entre si de 2 a 6 km. Esses locais são atualmente utilizados pela população para plantação ou criação de gado. Quanto às suas dimensões, existem assentamentos que alcançam até 200 metros de extensão (paralelo ao rio) e outros apenas 16 metros. As terras-pretas, onde se encontram os vestígios arqueológicos, alcançam até 60 cm de profundidade. Na superfície são encontrados abundantes fragmentos de vasilhas cerâmicas e instrumentos de pedra polidos.

A análise do material cerâmico proveniente de uma pequena escavação realizada em um dos sítios permitiu estabelecer algumas características básicas. Os objetos cerâmicos são fundamentalmente vasilhas de tamanho pequeno a médio⁶, de certo para uso doméstico, como cozer, servir ou armazenar. Além dessas, ocorrem também os assadores de beiju que medem de 40 a 25 cm de diâmetro. Estes objetos foram manufaturados com argila acrescida de fragmentos de rochas trituradas, algumas vezes associados a casca de árvores, carvão ou restos de cerâmica. Eram elaborados a partir de roletes sobrepostos e alisados; para detalhes como alças ou apliques decorativos, utilizava-se o modelamento. Quanto ao acabamento de superfície, a maioria dos objetos não apresentava decoração, apenas eram alisados. Nos objetos que apresentam decoração, essas podem ser realizadas com as técnicas plásticas ou pintadas. Entre as plásticas, foram utilizadas as incisões, os entalhes, as digitações, os raspados, os ponteados, isolados ou associados entre si. Há o predomínio das incisões, geralmente localizadas nas bordas ou próximas a elas, apresentando linhas paralelas ou motivos triangulares. As técnicas pintadas, ocorrem nas cores branca e vermelha.

A datação de uma semente carbonizada encontrada entre 30 e 35 cm de profundidade na unidade escavada situa a ocupação da área em 360± 40 BP (Beta-142117; AD 1445-1645, 2 Sigma range).

Os sítios-cemitérios, como já mencionado, estão concentrados na área mais alta, na Serra do Laranjal. Ficam a cerca de 800 metros a 1,5 km de distância dos sítios abertos. Podem ser caracterizados como sítios em áreas fechadas, em ambiente de grutas contendo na superfície urnas de cerâmica com enterramento secundário.

As urnas foram depositadas tanto nas grutas quanto nos abrigos, sugerindo que não havia preferências quanto ao tamanho dos locais. Foram encontradas em grutas ou abrigos cuja altura variava desde 0,80m a 2,50m, profundidade desde 4,70m a 16,00m e largura de 3,30m a 21,00m.

O ambiente no interior das grutas é úmido. As paredes apresentam infiltrações e rachaduras. O teto de algumas é pouco espesso, possuindo aproximadamente 30cm. Em outras existem orifícios no teto por onde entra grande quantidade de folhas e frutos e principalmente as águas das chuvas que encharcam o solo. É comum encontrar sinais da atividade de mamíferos, aves e répteis que compõem a rica fauna da região. Existe também grande variedade de insetos, cujos resultados de suas atividades podem ser encontrados no solo, nas paredes das grutas e nas próprias urnas. A presença de ninhos de cupins é constante e algumas vezes eles preenchem todo o interior das urnas, envolvendo e destruindo completamente os ossos. O solo na superfície é argiloso, escuro e úmido.

A distribuição dos sítios na paisagem é significativa. É evidente o aproveitamento da topografia da área, onde os assentamentos ficam próximo às fontes de água e os cemitérios em locais mais reservados. Pode-se contrapor as áreas abertas – os locais das habitações – posicionadas junto às águas, com as áreas fechadas dos cemitérios – locais reservados ao descanso dos mortos – posicionados na parte mais alta e reclusa da paisagem. Convém ressaltar, porém, que os cemitérios estão relativamente próximos aos assentamentos, apontando talvez a existência de um elo permanente entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos naquela sociedade.

⁶ Variam de 8 a 32cm de diâmetro de boca e de 3 a 20cm de altura.

As urnas: forma, técnica e motivos decorativos

Existem basicamente dois tipos de urnas funerárias: as antropomorfas, que representam uma figura humana sentada ereta em um banco, e as zoomorfas, que representam um animal quadrúpede em pé. Entre as urnas coletadas por Guedes em 1896, existem algumas que não representam figuras humanas ou animais. São urnas cilíndricas com tampa em forma de disco. A forma cilíndrica e a técnica de confecção destas urnas são as mesmas utilizadas na confecção do corpo das urnas antropomorfas, enquanto que a tampa é semelhante à das zoomorfas. Estas urnas, denominadas de tubulares, foram às únicas com essas características encontradas até agora na região. Segundo a descrição de Guedes (1897), não estavam junto com urnas antropomorfas ou zoomorfas.

As urnas antropomorfas são as que ocorrem em maior quantidade e apresentam grande variação no tamanho, podendo ter de 20 a 85cm de altura total. Elas são compostas de três partes distintas: a cabeça (tampa); o corpo (parte da urna onde ficam os ossos) e o banco (base).

A cabeça corresponde à tampa, que é removível e tem a forma cônica com a parte mais estreita voltada para cima. A parte superior da cabeça é fechada com um tampo em forma de disco, quase sempre apresentando motivos decorativos em alto relevo ou inciso, às vezes pequenos orifícios. Além desses motivos decorativos algumas tampas apresentam um apêndice modelado em forma de “T” fixado na parte posterior do tampo. A altura das cabeças ou tampas varia de 9 a 22cm; o diâmetro do tampo varia entre 6 e 16cm e da parte inferior da tampa varia de 9 a 27cm.

O rosto é bem definido, apresentando sobrancelhas, olhos, boca e nariz, além de contorno feito com um rolete aplicado que faz a delimitação entre o rosto e a parte detrás da cabeça. O rolete do contorno geralmente se une com o rolete que representa o nariz. Sobrancelhas, bocas e olhos também são elaborados com roletes. As bocas apresentam incisões, que separam os lábios superiores e inferiores. Em algumas tampas ocorre a representação de dentes realizada com incisões. Os olhos são, na maioria dos casos, retangulares; raramente apresentam forma circular. Embora não se tenha observado claramente a representação de orelhas, duas tampas apresentaram no rolete que contorna o rosto, na altura que corresponde ao local das orelhas, orifícios de ambos os lados. Em três tampas ocorreu na parte inferior frontal um aplique, possivelmente representando queixo ou adorno. Na parte inferior da tampa, que assenta sobre o corpo da urna, há pequenos orifícios que a circundam, colocados em intervalos regulares. Nessa área é comum encontrar restos de resina. Tanto os orifícios quanto a resina, provavelmente tinham a função de lacrar a urna. Os orifícios poderiam ser utilizados para amarrar a tampa ao corpo da urna com algum tipo de fibra, uma vez que orifícios semelhantes são encontrados também na borda da urna, onde se assenta a tampa. A resina pode ter sido utilizada como lacre. Além do tratamento de superfície plástico, algumas tampas apresentam pintura nas cores amarela, branca e preta.

O corpo, de forma cilíndrica, está fixado na parte superior do banco. Sua altura pode variar de 11 a 54cm e o diâmetro de 12 a 26cm. Em sua parte anterior há representação de mamilos, umbigo e sexo. A representação do sexo é numericamente equilibrada. Existe, nas grutas pesquisadas, quase sempre o mesmo número de urnas femininas e masculinas. Na parte posterior há sempre um aplique vertical com entalhes, provavelmente representando a coluna vertebral. Existem pequenos roletes aplicados nas laterais do corpo próximos aos braços e às pernas. Algumas apresentam ainda um rolete contornando o corpo na altura da cintura, e outro em forma de “U”, no peito. Na borda, conforme já mencionado, encontram-se orifí-

cios, provavelmente para fixar a tampa. Associada à decoração plástica no corpo das urnas ocorre também a decoração pintada nas cores amarela, branca, vermelha e preta. Os membros superiores apresentam-se fletidos em uma posição não usual, com os cotovelos para frente. Estão ligados ao corpo logo abaixo da borda da urna. As mãos estão apoiadas uma em cada joelho; os dedos podem ser representados através de modelagem ou incisão. Há representação de adornos realizados com roletes contornando os antebraços e os pulsos. Em alguns braços, além dos roletes aparecem pequenos apliques próximo ao pulso e no antebraço. Os dedos variam quanto ao número. Algumas urnas chegam a possuir mãos com até sete dedos. Em seis urnas foram encontrados orifícios próximos ao cotovelo e também próximos aos joelhos. Os membros inferiores apresentam-se fletidos e estão fixados no corpo próximos à base (banco). As pernas são grossas em relação à coxa e algumas apresentam roletes contornado-as abaixo do joelho, talvez sugerindo a representação de deformação provocada pelo uso de adornos de algodão, ou outra fibra, comum entre alguns povos indígenas atuais. Ocorrem também apliques arredondados na parte lateral dos joelhos e tornozelos. Os pés são chatos e apoiam-se no chão. Os dedos podem ser representados por incisões, ou espalmados, e o número varia tal como nas mãos.

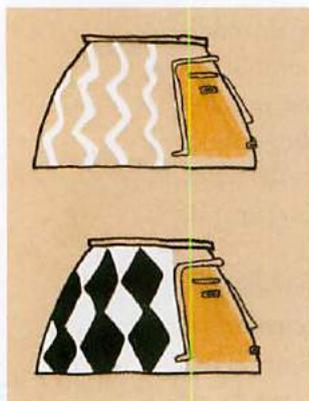
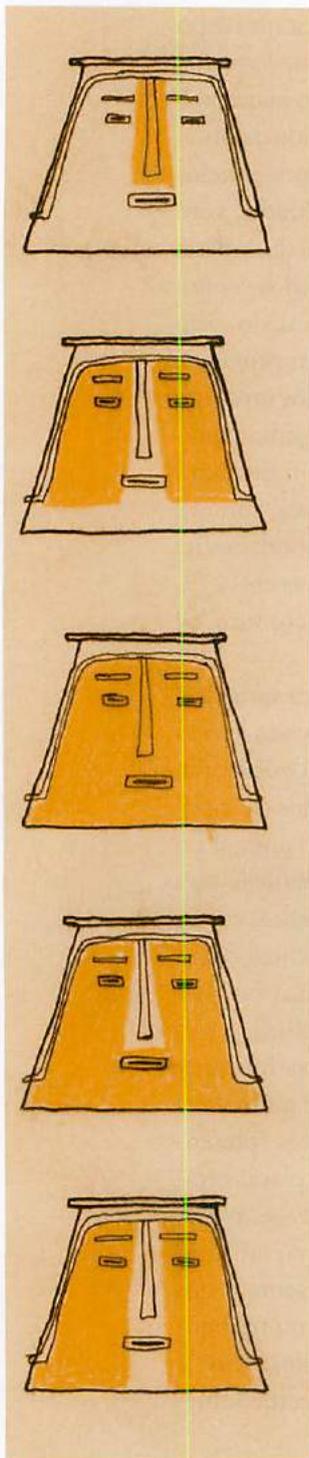
O banco é composto de duas partes: o assento e as pernas. Sua altura varia de 7 a 10,5cm. O assento, sobre o qual está fixado o corpo da urna, possui forma retangular. A maioria deles, à semelhança dos bancos indígenas atuais, é zoomorfa, apresentando cabeça e cauda representadas através de apliques colocados em posições opostas no assento. A maioria dos bancos apresenta a cabeça do animal do lado direito e a cauda do lado esquerdo da urna. As caudas são sempre semelhantes entre si: um rolete de 4 a 5cm, mais grosso na ponta que é ligada ao assento, e mais fina na outra extremidade. Esta extremidade está sempre voltada para cima, como se a cauda estivesse enrolada. A cabeça pode ter forma circular, triangular ou quadrada. Um dos bancos apresentou duas cabeças, lado a lado. Boca, olhos, nariz, sobrancelhas estão sempre representados. Alguns rostos têm aparência humana, enquanto outros parecem animal. O que lhes confere a aparência de animal é a presença de orelhas de forma triangular na parte superior. Um dos bancos apresenta cabeça de pássaro. As pernas dos bancos são representadas por duas placas cerâmicas retangulares, fixadas perpendicularmente à base do assento. Essas placas podem ser totalmente inteiras ou apresentarem-se recortadas por fendas ou orifícios.

As urnas zoomorfas, cuja altura pode variar de 19 a 34cm, representam um animal quadrúpede de pé. A cabeça pode apresentar a forma circular ou triangular. O rosto é bem definido, com representação de sobrancelhas, olhos, nariz e boca, conferindo-lhe uma aparência humana. Estas urnas apresentam certas semelhanças com os bancos das urnas antropomorfas.

O corpo geralmente tem a forma oval. Na parte superior, onde seria o dorso do animal, está a abertura da urna. Essa abertura pode ter forma circular ou oval e é fechada com uma tampa removível, cuja forma é semelhante à da abertura. As patas são cilíndricas e ocas, e os pés apresentam unhas.

Quanto às técnicas de manufatura das urnas em geral, há associação de modelagem e acordelamento. O corpo, os braços e as pernas (nas urnas antropomorfas), geralmente cilindros ocios do mesmo modo que as patas (nas urnas zoomorfas), foram executados pelo acordelamento. Os elementos dos rostos de ambos os tipos de urnas e dos bancos foram executados através de roletes. Os adornos são representados por roletes modelados e pinturas. Os bancos são construídos a partir de placas modeladas.

Na execução da pasta para confecção dos objetos foi utilizada como aditivo a mistura de rocha triturada e caco moído. Essa mistura é semelhante à encontrada no material cerâmico do sítio aberto. O acabamento de superfície das urnas não apresenta textura uniforme, o que dá a elas um aspecto grosseiro. Os bancos, na



parte inferior, não apresentam alisamento; quase sempre apresentam marcas circulares, provavelmente resultantes do objeto (ou objetos) utilizado como apoio na hora da confecção.

Observou-se a utilização de uma pasta, de textura diferente, para restaurar rachaduras eventuais que ocorreram nas urnas. O mesmo tipo de resina, supostamente utilizada para lacrar a urna também, é encontrado em alguns apêndices, com a função de fixá-los à peça principal.

Quanto às pinturas, a análise indica que todas as urnas, antropomorfas e zoomorfas, apresentavam originalmente motivos decorativos pintados recobrendo sua superfície, embora tenham restado poucos exemplares com esse tipo de decoração. Como já mencionado, as cores utilizadas para ornamentar as urnas eram branca, preta, amarela e vermelha. Alguns motivos decorativos nas cores brancas e pretas foram executados em linhas finas, aproximadamente 3 a 4mm de largura, sugerindo a utilização de um instrumento de ponta fina e maleável para permitir a execução de curvas. A técnica de aplicação da pintura amarela em tudo difere das outras cores. Não apresenta motivo retilíneo ou curvilíneo. Existem apenas grandes áreas cobertas com amarelo, que pode ter sido aplicado com um instrumento de ponta larga, ou com os dedos. Em alguns objetos tem-se a impressão que a tinta amarela foi jogada desordenadamente sobre a urna, como se ela recebesse um banho de tinta.

Os motivos decorativos das urnas Maracá podem ser associados à representação de pinturas corporais, que tem uso comum entre alguns povos indígenas atuais, tanto na vida cotidiana como nos momentos rituais (Vidal, 1992; Silva e Farias, 1992 e Müller, 1992) e também com outras tradições arqueológicas na Amazônia (Schaan, 2001; Gomes; 2001).

As pinturas estão distribuídas na cabeça (tampa) e no corpo da urna. A análise detalhada apontou quatro unidades básicas que compõem os motivos decorativos: o losango, a linha horizontal, a linha vertical e a linha sinuosa. Além das unidades básicas, existe o preenchimento de grandes áreas na cor amarela e, raramente, preta.

Na cabeça encontra-se motivos decorativos tanto no rosto quanto na parte posterior. No rosto há o uso exclusivo de preenchimento com pintura amarela, que nunca ultrapassa o rolete aplicado que o delimita.

Abaixo, os exemplo dos cinco tipos de pintura facial até agora identificados:

Tipo 1: região nasal preenchida com os lados do rosto livre;

Tipo 2: região nasal livre com os lados do rosto parcialmente preenchidos;

Tipo 3: preenchimento total do rosto com pintura;

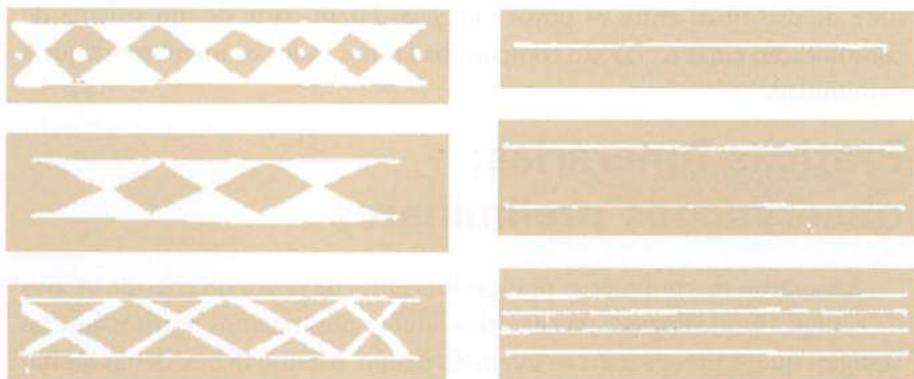
Tipo 4: região nasal livre com a região da boca e os lados do rosto preenchidos;

Tipo 5: região central do rosto livre com os lados preenchidos totalmente com pintura.

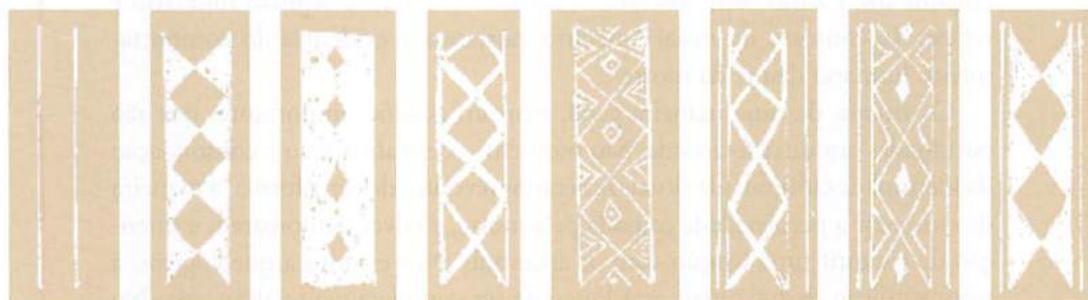
Na parte posterior os motivos encontrados foram a composição de losangos e linhas sinuosas (observar ao lado).

A combinação dessas unidades mínimas resultou em dezesseis motivos decorativos apresentados em faixas horizontais e verticais distribuídas pelo corpo da urna. As faixas horizontais localizam-se ao redor da borda e da base do corpo da urna e as verticais no meio das costas e do peito, criando duas grandes áreas que são preenchidas com linhas sinuosas.

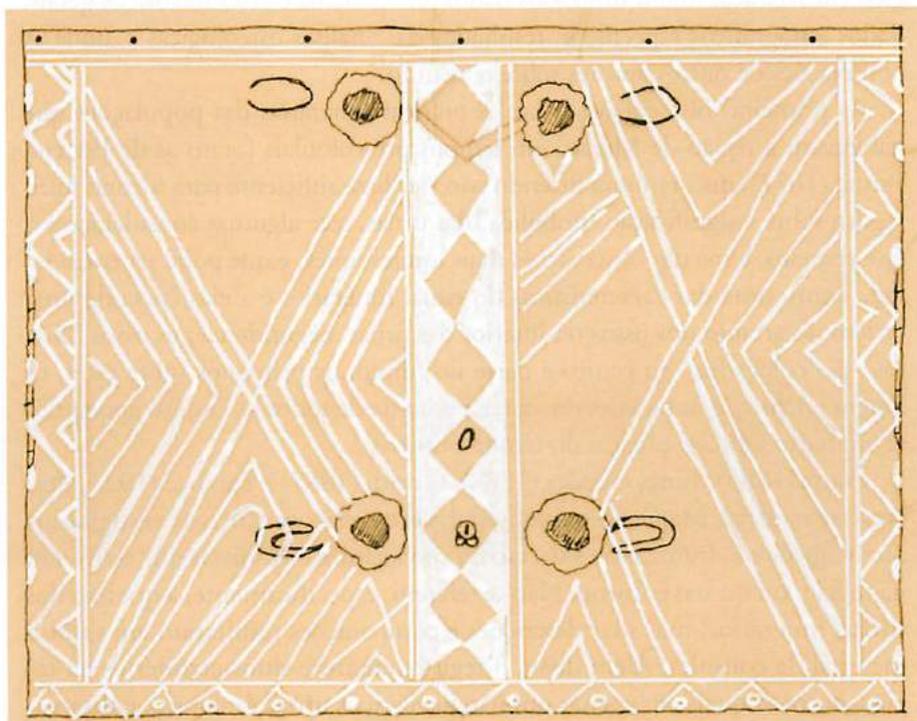
Faixas horizontais



Faixas Verticais



Observar abaixo o desenho esquemático de uma urna, aberta sem os braços, mostrando a localização dos motivos decorativos em faixas horizontais e verticais, e o preenchimento do espaço entre elas com linhas.



A distribuição ordenada dos desenhos e a identificação de padrões decorativos nas urnas sugerem um significado mais profundo nas “pinturas corporais” do que o simples desejo de adornar um objeto. Como já foi demonstrado em vários estudos de antropologia estética (Silva e Farias, 1992; Andrade, 1992; Müller, 1992;

Vidal 1992; Galois,1992), os desenhos, os padrões, as cores e até mesmo as matérias-primas utilizadas nas pinturas corporais e nos objetos de uso cotidiano e de uso ritual entre os povos indígenas fazem parte de um sistema de comunicação cujas regras são compartilhadas por todos os membros daquela comunidade.

Práticas funerárias: observações preliminares

A tentativa de conhecer as práticas funerárias de povos do passado através de vestígios arqueológicos possui sérios limites, pois estamos restritos àqueles vestígios que se preservaram ao longo do tempo. Mesmo diante destas limitações, ao encontrar sítios-cemitérios como os já descritos, é impossível ignorar a importância que os rituais de morte tiveram naquela sociedade e não tentar entendê-los. Como bem observou Montardo (1995), “o registro funerário é reflexo do contexto do ritual funerário, portanto, é evidência do comportamento humano diante da morte”.

Os rituais, de uma maneira geral, marcam ocasiões importantes que são partilhadas em uma sociedade. São momentos de reafirmação e consolidação da identidade cultural. Os rituais funerários revelam, de certa forma, a maneira de enfrentar a perplexidade causada pela morte, e talvez demonstrem a intenção de garantir uma ligação com os ancestrais. Nos estudos arqueológicos, a reconstituição destes rituais está longe de ser completamente alcançada. No entanto, os sítios-cemitérios possuem um grande potencial informativo por apresentar três aspectos: o biológico, o cultural e o tafonômico (Mendonça de Souza, Guapindaia e Ribeiro, 2001). A observação conjunta desde fatores amplia a possibilidade de um melhor entendimento da sociedade estudada.

No exercício de entender as práticas funerárias a partir do registro arqueológico em Maracá, foram utilizados dados etnográficos e etno-históricos gerais, dados etnográficos específicos, resultados das análises osteológicas e ainda as observações de outros autores sobre o assunto.

As primeiras observações sobre as práticas funerárias das populações que habitavam a região de Maracá em tempos pré-coloniais foram as de Ferreira Penna (1872), que, embora dizendo não “ter base suficiente para formar juízo seguro sobre a significação simbólica” das urnas, tece algumas considerações a esse respeito. Uma das observações mais interessantes, e que pode ser considerada como uma das características do ritual funerário, é a existência de uma ordem no arranjo dos ossos no interior das urnas. Segundo ele, os ossos “chatos” são colocados “no centro e parte no fundo, os pequenos sôbre êstes, os longos encostado às paredes do vaso e por cima de todos os crânios apoiando-se em parte sôbre as cabeças do fêmur e úmero”.

Hartt (1885), Lima Guedes (1887), Goeldi (1887) e Farabee (1921) descrevem as urnas Maracá e tentam estabelecer relações entre os vestígios arqueológicos e as informações deixadas por viajantes e cronistas que estiveram na região, ou no seu entorno. Não se referem, especificamente, à questão dos rituais funerários, mas suas descrições e comparações resultaram em valioso material de consulta. Além disso, o registro de treze sítios-cemitérios na região, entre os quais em apenas um não havia mais urnas inteiras, e a observação *in loco* da grande quantidade de urnas permitiu a formulação de algumas reflexões iniciais relativas às práticas funerárias.

As evidências arqueológicas indicam que o funeral dos antigos habitantes da região de Maracá era constituído por dois momentos rituais: o funeral primário, no qual as partes moles do corpo eram descartadas, e o funeral secundá-

rio, no qual os ossos eram depositados desarticulados, porém ordenados dentro de urnas de cerâmicas. Quanto ao funeral primário, só é possível supor que deveriam existir práticas como as registradas por Humboldt(1852-53), Creveaux(1883) e Roth(1924) para os povos indígenas da América do Sul. A ausência de marcas, tais com incisões, nos ossos levam a supor que estes não eram raspados para o despojamento das partes moles. Possivelmente, uma prática menos abrasiva era utilizada, como, por exemplo, as registradas entre os Yanomami (Becher, 1959 apud Montardo,1995), que colocavam o corpo em uma árvore e esperavam que a carne podre se desprendesse dos ossos ou para os Bororo (Viertler 1991), que jogavam água sobre o cadáver a fim de acelerar o processo de putrefação.

Sobre o funeral secundário, é importante observar, como afirma Roth (1924), que, antes do contato com as influências européias, as principais nações indígenas praticavam a exumação e davam destinos variados aos ossos, que poderiam ser queimados, consumidos em bebidas, distribuídos entre os parentes, depositados em urnas, ou tratados com outros rituais secundários. Em Maracá, a análise do conteúdo das urnas revelou que o ritual secundário era caracterizado pela deposição dos ossos descarnados em urnas; pela deposição individual dos esqueletos e pela correspondência da representação sexual da urna com o sexo do indivíduo morto. O esqueleto era colocado desarticulado, mas, como Ferreira Penna já havia chamado atenção, havia um arranjo intencional na disposição dos ossos no interior das urnas. Observou-se que a pélvis era colocada no fundo da urna; os ossos longos encostados na parede; as costelas e os ossos das mãos e dos pés sobre a pélvis, e sobre eles o crânio. A suposição de Farabee(1916) de que as urnas eram utilizadas como recipientes para cinzas, não foi comprovada, pois, todas as urnas continham ossos, e não foi encontrada nenhuma evidência de prática de cremação.

Além das práticas rituais, primária e secundária, outra característica marcante dos costumes funerários era a utilização de grutas para abrigar as urnas. A escolha de um local recluso e protegido revela a preocupação com a preservação dos mortos e com os rituais funerários. A distribuição das urnas no interior das grutas não parecia privilegiar uma área específica, pois em algumas o material está em local de fácil acesso, próximo à entrada, enquanto em outras está depositado ao fundo. A maioria das grutas apresentava o material próximo à entrada, como a Gruta do Pocinho, a Lapa do Pocinho, a Gruta do Periquito, o Abrigo das Caretas, a Gruta das Formigas, a Gruta do Baiuna, a Gruta da Caba, a Gruta do Jaboti e a Gruta do Veado. A Gruta da Caba apresentou uma característica peculiar, que é o fato de possuir duas áreas diferentes: a primeira é formada por um abrigo que alcança no máximo dois metros de profundidade. Prosseguindo na mesma parede do abrigo está a segunda área, resultado de um aprofundamento na rocha que chega a atingir oito metros, formando uma gruta. As urnas estavam todas colocadas no abrigo de maneira que, ao chegar ao local, a visão delas era imediata. Na segunda área, que não é visível ao primeiro olhar, não havia urnas, apenas pedaços de pequenas vasilhas e de fragmentos de quartzo, que provavelmente faziam parte do acompanhamento funerário.

Nos sítios Gruta das Caretas, Lapa das Caretas e Gruta do Cururu, o material foi colocado ao fundo. Nas duas primeiras, ao entrar no máximo dois metros, já era possível ver as urnas. O interior apresentava boa visibilidade, não sendo necessário o uso de iluminação artificial. Na Gruta do Cururu, só era possível ver as urnas depois de entrar cerca de oito metros no local. Esta gruta possui dois salões: no primeiro, que é o maior, não havia material. Para alcançar o segundo salão, onde estavam as urnas, foi necessário trans-

por, engatinhando, uma passagem de oitenta centímetros de altura, por setenta centímetros de largura. As urnas estavam em um local completamente escuro, sendo necessário a utilização de lanternas, para observá-las. Na Gruta do Carrapato, o material também não estava depositado no salão principal, que era o maior. Encontrava-se em um salão secundário pequeno e escuro.

A maneira como as urnas estavam arranjadas nas grutas ou nos abrigos, certamente indica que não havia a intenção de enterrá-las, ou seja, o objetivo era de mantê-las visíveis, expostas. Embora todas as urnas estivessem na superfície, observou-se a existência de duas maneiras de tratar a sua exposição: uma, onde as urnas ficam completamente ao alcance dos olhos, sendo possível avistá-las antes de entrar no local; a outra, onde só é possível vê-las ao entrar alguns metros na gruta. Considerando que, entre os povos indígenas, a relação dos vivos com os mortos ocupa um papel fundamental na dinâmica social, como já descrito e observado por vários autores (Roth, 1924; Malhano 1986; Cunha, 1978; Chaumeil, 1997), a exposição intencional das urnas e a proximidade dos cemitérios das aldeias podem indicar a existência de uma relação especial entre o cemitério e a aldeia, que talvez incluísse a visitação, a manutenção das exéquias e seus acompanhamentos, a existência de formas de culto ou consulta, e assim por diante (Mendonça de Souza, Guapindaia e Ribeiro, 2001). Considerando os argumentos de Chaumeil (1997), os cemitérios Maracá seriam um exemplo de oposição às teses que defendem a existência de uma relação de exclusão dos mortos entre as comunidades das terras baixas sul-americanas (Carneiro da Cunha, 1977, 1978; Clastres, 1968; Clastres 1980 *apud* Chaumeil, 1997).

A visão das urnas, ao se deparar com um cemitério Maracá, causa impacto. Isso acontece, mesmo que a maior parte esteja destruída. Ferreira Penna (1877) já havia observado este aspecto quando ressaltou a forte impressão que causam estas urnas quando estão colocadas lado a lado. Diz que o fizeram “recordar as figuras imponentes dos caribas, tão belamente descritas por Humboldt, cujos corpos altos, tintos de urucu, meio cobertos até uma das espáduas por um pano azul escuro, assemelhavam-se às estátuas de bronze que se erguiam ao céu azul no meio das estepes”.

A presença de dois tipos de urnas (antropomorfas e zoomorfas) evidencia a prática de tratamento diferenciado para algumas pessoas. A observação da distribuição dos tipos de urnas nas grutas revelou as seguintes situações: em duas grutas ocorreu a presença somente de urnas zoomorfas; em quatro grutas encontraram-se urnas zoomorfas e antropomorfas associadas, sendo que a quantidade das primeiras foi sempre inferior à das segundas; em outras quatro grutas encontraram-se urnas antropomorfas com acompanhamento funerário (colar de contas de cerâmica e pequenas vasilhas) e, finalmente, em outras duas ocorreram somente urnas antropomorfas. O maior número de urnas encontradas são do tipo antropomorfo, levando a supor que as zoomorfas seriam utilizadas para fins mais restritos, talvez para enterramento de pessoas com status diferenciado naquela sociedade. A literatura etnográfica registra várias formas de tratamento diferenciado na maioria das vezes relacionados com sexo, idade e importância da pessoa perante o grupo (Montardo, 1995:35-39; Chaumeil, 1997).

A característica mais marcante das urnas antropomorfas de Maracá é sua postura sentada em bancos, com as mãos apoiadas sobre os joelhos e a identificação de gênero. A observação minuciosa revela a presença de adornos e pinturas corporais distribuídas por toda a urna. As referências etnográficas sobre a utilização desses elementos decorativos apontam que seu uso não está restrito apenas aos momentos rituais, mas que alguns grupos portam seus enfeites na vida cotidiana. As pinturas e adornos corporais, por exemplo, são utilizadas

cotidianamente pelos povos indígenas Xerente, Xicrin e Kadiweu, com o objetivo de integrá-los à natureza e, ao mesmo tempo, diferenciá-los dos outros animais tornando-os humanos (Ribeiro, 1987). Entre os Xerente, ainda, os diferentes motivos pintados no corpo representam castas ou “partidos” (Silva & Farias, 1992). A análise das pinturas nas urnas de Maracá revelou a existência de padrões decorativos distribuídos ordenadamente em suas superfícies, demonstrando que sua presença não cumpria somente uma finalidade estética, mas que deve estar relacionada ao papel social daquele indivíduo. As pinturas poderiam ter a função de identificar o indivíduo tanto no mundo dos vivos, quanto no dos mortos.

Além da ornamentação corporal, existe nas urnas Maracá o uso de objetos mobiliários: os bancos. Estes objetos, segundo a literatura etnológica, representam muito mais do que simples artefatos destinados ao conforto pessoal. Segundo definição de Berta Ribeiro (1988) “os bancos (...) destinam-se aos chefes, pajés, e visitantes, sendo prerrogativa masculina”. No seu trabalho sobre o simbolismo sexual e religioso dos índios Tukano, Reichel-Dolmatoff (1971) diz que os objetos da cultura material – não somente aqueles destinados a funções mágicas – contêm um profundo significado simbólico. Entre esses objetos, cita como exemplo os bancos, cuja função não é apenas oferecer repouso ao corpo, mas também proporcionar concentração mental. Esse aspecto é demonstrado quando os Tukano referem-se a uma pessoa incapaz de emitir julgamentos, eles dizem que “ela não tem banco”. Os bancos, entre eles, também são usados em rituais de puberdade masculina pelos pajés (*ibid*). Ainda entre os Tukano, Ribeiro (1995) aponta a presença do banco entre os objetos rituais que podem ser considerados “como insígnias de status mais elevado de determinados *sibs* ou de indivíduos em posição hierárquica mais alta dentro do *sib*”. Outro exemplo etnográfico vem dos Wanano (Chernela, 1993). Para este povo indígena o ato de sentar implica eternidade. É nessa postura que se realiza a ligação com os ancestrais, isto é, que se faz à relação entre os vivos e os mortos (McEwan, 2001).

Nas urnas Maracá, todas as figuras humanas estão sentadas em bancos zoomorfos que, semelhantes às urnas zoomorfas, apresentam cabeça e cauda, o que reforça ainda mais a idéia de que estes objetos possam ter uma dimensão simbólica. Outro aspecto relevante é o “uso” do banco tanto nas figuras masculinas, quanto nas femininas. Considerando que a prerrogativa de sentar em bancos é masculina entre alguns povos indígenas; que o ato de sentar e o uso do banco podem ter significados simbólicos na sociedade Maracá, é possível supor que, pelo menos diante da morte, as mulheres possuíam papéis sociais significativos, como já foi sugerido por Roosevelt (1988).

O cemitério Maracá em pleno funcionamento, ou seja, com as urnas inteiras, pintadas e colocadas em suas posições originais, deveria suscitar no observador sentimentos de temor e respeito. A visão lembra uma reunião solene, onde os membros participavam de uma cerimônia ou estavam juntos para decidir questões importantes para a comunidade (McEwan, 2001). Ainda hoje ao encontrar um desses cemitérios, mesmo que a maior parte das urnas esteja destruída, sua visão causa um forte impacto. O culto aos mortos do “povo Maracá” alcançou a longevidade para a qual certamente foi elaborado.

